

*Intervenção do Presidente do Comité Olímpico de Portugal na
cerimónia de atribuição do Grau Doutor Honoris Causa pela
UTAD ao COP*

Esta cerimónia na histórica cidade de Vila Real para atribuição ao Comité Olímpico de Portugal do grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, representa um momento único na história do olimpismo português.

Com este ato a Universidade reconhece uma instituição que por feitos e obras realizadas há mais de um século emergiu de entre outras revelando características superiores que beneficiaram a sociedade.

Simboliza que a universidade olha o mundo à sua volta e traz para o seu seio protagonistas que pretende considerar como seus pares.

É um momento de alegria, uma alegria partilhada com todos que fazem parte da família olímpica, mas também um ato carregado de uma enorme responsabilidade.

Ao figurar na galeria de personalidades notáveis e nomes incontornáveis da nossa história a quem a UTAD atribuiu este grau

é conferido o reconhecimento honorífico a uma instituição centenária pelos seus serviços na promoção do desporto e do olimpismo, mas também é vincada a responsabilidade dos que hoje a representam de tudo fazerem para dignificarem a sua missão e, a cada momento, saberem prestigiar o olimpismo e o desporto nacional.

Esta distinção, reconhecida na representação institucional do COP, prestigia em primeiro lugar todos aqueles que serviram o olimpismo português: atletas, treinadores, juízes, árbitros, médicos e outros técnicos de saúde, dirigentes e funcionários.

Sem eles, os que nos antecederam, alguns presentes nesta sala, sem o seu esforço e dedicação exemplares no modo como serviram Portugal e prestigiaram o nome do país ao mais alto nível, não estaríamos aqui hoje.

Sou um simples depositário de um mérito que me não pertence mas sobre o qual passo agora, eu e os que me acompanham, a ter uma enorme responsabilidade: o de estar à altura de saber honrar esta distinção.

Situá-la apenas no âmbito dos resultados desportivos alcançados nas participações olímpicas representa o primeiro passo para minorizar o potencial do desporto e do olimpismo, reduzindo-o à aritmética de uma folha cálculo, e confinando o papel do Comité Olímpico à

coordenação da gestão dos atletas de alto rendimento integrados neste processo preparação olímpica.

Ou seja, construir a casa pelo topo.

Não que esses êxitos não constituam um património exemplar de que todos nos devemos orgulhar.

Mas o desporto e o olimpismo são mais alguma coisa

Os princípios fundamentais que o olimpismo encerra e torna o desporto um instrumento essencial para o desenvolvimento humano, amplamente reconhecido, desde logo na Carta Olímpica, reclamam uma intervenção muito mais alargada e integrada que valorizando a excelência desportiva e o exemplo dos nossa grandes campeões ajude a colocar o desporto no centro das nossas vidas.

Que mobilize a comunidade, nos seus diversos segmentos etários e condições socioeconómicas, em torno de uma linguagem universal que, como nenhuma outra, tem a capacidade de difundir valores, congregar e educar na diferença, superar barreiras, porventura inultrapassáveis e promover hábitos de vida saudável. Em suma, de contribuir para devolver ao homem a sua condição de cidadão.

Neste contexto e perante o mundo global em que atualmente vivemos, o movimento olímpico enquanto repositório de um

inestimável património cultural, educativo e cívico, que se expressa em diversas e novas áreas como o desenvolvimento sustentável, a paz, a integridade das competições, o desporto para todos, a diplomacia económica, a inclusão social ou a cidadania, assume um espectro de intervenção transversal no âmbito do desporto, mas também um papel privilegiado de ligação e diálogo social, político, económico e intercultural.

Para isso, para colocar o desporto no centro das nossas vidas, no quadro de uma sociedade que amiúde nos desumaniza, onde o indivíduo cada vez mais se substitui ao cidadão, torna-se decisivo conferir-lhe o estatuto que ele merece.

É disso que se trata nesta cerimónia.

Um gesto inequívoco de uma instituição académica de referência que pretende afirmar o desporto e o olimpismo como elementos cruciais na formação e no desenvolvimento social.

Foi com essa visão que, nesta mesma data, há 120 anos, na Universidade de Sorbonne, o barão Pierre de Coubertin fundou as bases do olimpismo moderno.

E anunciou o regresso da cultura milenar do olimpismo helénico naquele templo do saber académico porque, de acordo com as palavras que proferiu nesse momento seminal, desde a Idade Média

uma espécie de descrédito pairava sobre as qualidades do corpo as quais foram progressivamente isoladas, inferiorizadas e escravizadas em relação às qualidades da mente.

Tratou-se, para ele, de um imenso erro cujas consequências científicas e sociais eram quase impossíveis de calcular.

Porventura hoje já não serão tão difíceis de avaliar.

À ciência, ao saber, ao conhecimento profundo e à investigação cabe um inestimável contributo para, nos dias que correm, reverter esta tendência e se voltar a afirmar que o carácter é forjado primeiramente pela forma como se educa o corpo.

Minhas senhores e meus senhores,

Os problemas da situação desportiva nacional são particularmente vulneráveis a um conjunto de ameaças que, de há longa data, enfermam o seu processo de desenvolvimento, as quais, apenas pontualmente, têm sido atenuadas.

O progresso, em diversos fatores de desenvolvimento não se reflete no crescimento sustentado dos indicadores desportivos de referência. E isso deve ser motivo de preocupação e reflexão.

Porque, para além desta constatação o desporto enfrenta um futuro com elevado grau de complexidade.

O constrangimento demográfico é porventura um dos seus maiores problemas.

A conjugação da diminuição da fecundidade e do aumento da esperança média de vida afetará não apenas os modelos de emprego, de formação e de segurança social.

De um modo geral, toda a organização da sociedade, tanto nas instâncias do trabalho como do lazer, da saúde e da educação como dos equipamentos sociais será afetada por uma população cuja estrutura etária é, previsivelmente, nos próximos dez anos, traduzida por uma relação de 20% por segmento até 20 anos de idade, para mais de 30% por segmento acima dos 60 anos.

Sendo uma tendência comum à generalidade dos países europeus reveste-se em Portugal, dado o seu número reduzido de habitantes, de uma configuração especialmente preocupante.

Se acrescentarmos uma significativa emigração da população jovem ocorrida nos últimos anos, na procura de condições de vida e de empregabilidade que o país não consegue garantir, estamos perante um problema de enormes dimensões.

É inevitável que à mudança de estrutura demográfica da população correspondam mudanças de atitudes, nos valores e nas representações do desporto vigentes no quadro geral da sociedade.

As procuras desportivas serão, inevitavelmente, um painel de reflexo dessa transformação no plano quantitativo e qualitativo e tenderão a acompanhar as alterações ocorridas na matriz identitária que moldou o conceito de desporto e o novo perfil demográfico exigirá uma adaptação do edifício organizacional.

Começar por compreender estas tendências é um primeiro passo para encontrar soluções que desobstaculizem a expressão e o desenvolvimento do desporto como facto cultural e como prática de excelência no contexto da sociedade portuguesa.

Daí que importe reconhecer os novos significados que o desporto representará para todos, os praticantes e os não-praticantes, os beneficiários e os contribuintes do investimento social que o próprio desporto constitui e implica.

O desporto entendido como bem público cujos enormes benefícios se estendem bem para além do individuo que pratica esta atividade - e por isso objeto de apoio público e consagrado constitucionalmente como direito de todos os cidadãos- carece de ajustar o seu modelo de desenvolvimento às circunstâncias e dinâmicas sociais atuais.

Para que isso ocorra precisamos de estar melhor informados. Não é possível assumir estas exigentes responsabilidades, procurar inverter as circunstâncias e superar os condicionalismos que nos tolhem sem uma decisão informada, baseada em factos e análises rigorosas, nos diversos âmbitos de intervenção. Desde os atletas, aos treinadores, aos juízes ou aos dirigentes.

O défice de dados, informação e investigação actualizada representa uma das nossas maiores debilidades.

O impacto de opções baseadas no conhecimento sensível, ou na percepção pela experiência adquirida, marca a ténue diferença que separa o sucesso do fracasso. E isso tanto vale para o atleta que se prepara diariamente com o seu treinador, como para o dirigente que tem de tomar decisões estratégicas para o futuro da sua organização ou das políticas que conduz.

Não podemos navegar em sensibilidades e impressões que avulsamente recolhemos através das experiências que vamos acumulando em diversos contextos da nossa vivência desportiva, em diversas modalidades, em diversas organizações, em diversos cargos.

Sempre que recrutamos esse conhecimento sensível, carente de fundamento factual ou científico, para suportar os argumentos com que defendemos as nossas perspetivas, o risco de insucesso é elevado.

Como o é tendermos naturalmente a recrutar supostos exemplos de sucesso de outras latitudes como panaceia para os problemas, naturalmente específicos, da nossa realidade.

O desenho de políticas, a definição de orientações estratégicas, metas, objetivos e resultados e a planificação de programas desportivos necessitam de se fundar em factos e basear-se em diagnósticos aturados do contexto presente. De como chegámos até ele e quais os cenários que se projetam para o futuro imediato e mais longínquo.

Quantos de nós podem hoje afirmar, com rigor e segurança, que o país dispõe de indicadores precisos e análises rigorosas sobre os fatores críticos da sua competitividade desportiva?

Urge aprofundar o conhecimento da realidade em que vivemos, cuja dinâmica permanente é implacável perante quem se limita a reproduzir modelos de sucesso no passado ou a importar soluções vencedoras noutros contextos.

Para isso é vital aprofundar os laços entre o desporto e a academia. Quebrar as barreiras que comprometem essa relação exige do sistema desportivo a capacidade de se abrir ao exterior. Requer do sistema universitário a valorização do desporto enquanto objecto de estudo.

Esta aproximação entre a comunidade científica e as instituições socialmente melhor posicionadas para apoiarem a missão das instituições de ensino superior e investigação dedicadas às ciências do desporto, reclama a continuidade desta área como autonomia própria no sistema científico nacional.

Reconhecemos contudo que é mais fácil o enunciado epistemológico que a sua concretização. Pelo que se torna necessário encontrar uma solução que seja capaz de acolher medidas de melhoria da situação.

Porque as reformas em curso correm o risco da perda de eficiência das ciências do desporto no espaço epistemológico onde atualmente ocorre a avaliação de projetos de investigação e bolsas individuais de doutoramento e pós-doutoramento.

É da maior importância, convencer à luz de argumentos racionais e factuais, os mais altos decisores políticos para a necessidade de serem promovidas ambientes e arquiteturas interinstitucionais capazes de proporcionar a continuidade e sobretudo o não desperdício dos proveitos da última década.

O desenvolvimento do desporto em Portugal necessita de recursos humanos mais qualificados que sustentem melhores práticas de intervenção e melhor organização estrutural e funcional.

Fundamentalmente exige concertação entre as partes para verter o conhecimento científico produzido ao serviço do desporto, como factor crítico para a sua mudança e o desenvolvimento.

No contexto de austeridade que hoje atravessamos não é desejável desperdiçar recursos em investigações e trabalhos científicos que se esgotam nos muros da universidade.

Não é possível continuar a viver na utopia que o caminho para a excelência se traduz apenas no aperfeiçoamento da relação treinador-atleta em horas de prática num pavilhão, numa pista ou piscina, dispensando o acompanhamento permanente e concertado de uma plêiade de competências técnico-científicas desde os níveis mais elementares da sua preparação.

Ou, de tempos a tempos, solicitar a avaliação do processo de treino e o aconselhamento pontual de um especialista, para corrigir desvios de percurso.

Distintos convidados,

Criar pontes, enraizar relações e consolidar parcerias entre realidades distintas reclama mudar percepções. Libertar-nos de preconceitos e pré-conceitos. Sabemos que isso não é fácil à medida que as instituições perduram no tempo, pois elas são o repositório de tradições e referências culturais.

Deve-nos, por isso, guiar o engenho daqueles que conseguem aproximar e potenciar o melhor destes dois mundos.

O Professor Doutor Jorge Olímpio Bento personifica alguém que no seu percurso de vida desportiva e académica, primeiro como estudante e depois como docente, soube criar pontes entre inúmeras instituições universitárias nos mais diversos pontos do globo, precisamente através da dimensão universal e cultural do desporto.

Estamos-lhe, por isso, gratos por este inestimável serviço que tem prestado aos desporto nacional e a Portugal e é uma honra para o Comité Olímpico de Portugal o seu apadrinhamento nesta cerimónia.

No contexto que hoje vivemos onde a crise financeira não deixa de ser acompanhada por uma crise de valores e de referências, assumem particular importância exemplos de quem, vindo mais longe e primeiro, se destaca da espuma dos dias para antecipar a construção de um futuro melhor.

Exemplos que assinalam com frontalidade o profundo impacto da desvalorização da educação desportiva no nosso sistema de ensino. Que se inquietam perante a redefinição de políticas públicas para a ciência, nomeadamente no apoio à investigação e desenvolvimento, essenciais para continuar o assinalável desenvolvimento da

comunidade científica portuguesa em ciências do desporto nos últimos anos.

Temos, a cada momento de decisão nas nossas instituições, de ser portadores de uma atitude centrada na assunção destes problemas, congregando esforços para que o desporto em Portugal possa assumir em plenitude o seu reconhecido valor ao serviço de uma sociedade mais desenvolvida.

Por isso trabalhamos em rede com todas as instituições nacionais do ensino superior na área das ciências do desporto. Para que o seu trabalho possa ser amplamente consultado e valorize as opções técnicas de quem no terreno se depara com a absoluta necessidade de exigência e de rigor nas suas decisões.

E assim procuramos incentivar a investigação e o desenvolvimento.

Não só nas ciências do desporto, mas também noutros domínios científicos onde o desporto ainda é um objeto de estudo pouco trabalhado, premiando anualmente aqueles que mais se destacam neste âmbito.

Estamos empenhados em que, no seio do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Desportivo criado no COP, se concentre e alargue um conjunto de recursos e serviços que permitam potenciar a relação entre a ciência e o desporto.

Uma relação que tenha não só em atenção a investigação e a formação técnica, mas também a gestão da carreira dos atletas e a sua inserção no mercado de trabalho.

Sabemos bem que não estamos só neste compromisso.

Tivemos disso mais uma prova aqui hoje, num momento que ficará assinalado na história do Comité Olímpico de Portugal, seguros de que juntos estamos a trabalhar para que as crianças, jovens e adultos que participam nas atividades deste Dia Olímpico em Vila Real tenham o desporto e os valores olímpicos no centro das suas vidas.

Para elevar o valor desportivo do país orientamo-nos por um desígnio mobilizador de maior envolvimento da sociedade portuguesa com o desporto, contribuindo para uma cidadania desportiva mais exigente e informada, e para o escrutínio de uma opinião pública mais crítica e conhecedora.

Podem contar connosco para ir mais longe, mais alto e mais forte e assim, confiantes, ajudar a valorizar socialmente este bem intemporal e de inestimável valor que é o desporto, respeitando, em cada decisão, e a cada momento, o legado que herdámos dos pais fundadores do olímpismo moderno.

Muito obrigado.

Vila Real, 23 de junho de 2014